

6ª PARTE

DISCURSOS E CONFERÊNCIAS

**DISCURSO DA PRESIDENTE DA ACADEMIA
CEARENSE DE LETRAS, ACADÊMICA ANGELA
GUTIÉRREZ, NA SOLENIDADE DE COMEMORAÇÃO
DOS 125 ANOS DA ACL E 30 ANOS DE SUA SEDE NO
PALÁCIO DA LUZ, 21 DE NOVEMBRO DE 2019**

Ad immortalitatem propõe a divisa da Academia Brasileira de Letras, instituição fundada em 1897, no mesmo ano em que termina a trágica e fratricida Guerra de Canudos, perenizada por Euclides da Cunha n' *Os sertões*. O livro, escrito a partir de 1897, publicado pela Laemmert em 1902, lançado em 2 de dezembro do mesmo ano, pela fama merecida e meteórica que alcança, abre as portas da Academia Brasileira de Letras ao autor, que é eleito no ano seguinte, em 1903, para ocupar a vaga do acadêmico Valentim Magalhães, vindo, porém, a tomar posse somente em 1906, depois de retornar do Norte onde fora com a missão de demarcar fronteiras do Brasil na Amazônia. Euclides da Cunha perde a vida em 1909, mas sua obra maior, *Os sertões*, atravessa o século XX e chega ao XXI, como um dos clássicos entre os livros de intérpretes do Brasil.

A que vem, alguém poderá perguntar-se, minha menção inicial à ABL quando nesta noite comemoramos dois aniversários: o da mais antiga Academia de Letras do país, a Academia Cearense, que cumpre 125 anos de sua fundação, celebrada em 15 de agosto de 1894, e os trinta anos em que o Palácio da Luz foi cedido pelo Governo do Ceará, em 1989, como sede da instituição.

Explico-me com uma reflexão em forma de pergunta: como resistem ao tempo duas instituições acadêmicas que buscaram e buscam o caminho da imortalidade – tanto que seus membros são, por uso e costume, chamados de imortais –, mesmo no presente momento de extrema fugacidade de conceitos, como os de nossas

coordenadas de tempo e espaço, noções que foram estáveis e vigentes, ainda que discutíveis e não pétreas, até quase o final do século XX, quando começam a mudar com extrema velocidade, e em menos de 20 anos do século XXI já dão sinais de certo apagamento gerado pela instantaneidade que a revolução informática e seu mundo virtual globalizado vêm produzindo, encurtando muito fortemente a distância entre tempos e entre espaços, tanto que essas dimensões parecem não existir, como se vivêssemos nas ficções futuristas de Ray Bradbury, pois já convivemos em nosso cotidiano com alguns frutos da tecnologia que a imaginação inventiva do escritor norte-americano previra.

Voltemos, porém, ao lema da Academia Brasileira de Letras “Ad immortalitatem” e o aproximemos à divisa de nossa Academia – “Forti nihil difficile” (“Aos fortes, nada é difícil”, lema de Lord Beaconsfield, sugerido pelo primeiro presidente da Academia Cearense, o respeitado intelectual Thomaz Pompeu e conservado até os dias atuais), que, se não aponta explicitamente para a imortalidade, atrai-nos para a crença na força da vontade humana para vencer todas as dificuldades, erigindo-nos quase como construtores da imortalidade.

Seremos mesmo capazes de criar a imortalidade com nossa determinação e talento? Ao citar a divisa da Academia Brasileira de Letras, mencionei um de seus acadêmicos, Euclides da Cunha que, dois anos após sua posse na ABL e um ano antes que fosse encerrada sua trágica vida, ao saber que o fundador e presidente da Casa, Machado, estava à morte, correu à sua casa para vê-lo uma última vez antes que partisse para o que Jorge Manrique, poeta espanhol, em suas famosas *Coplas a la muerte de su padre*, chamou de terceira vida – a Vida Eterna.

Lembro aqui dois textos literários, que considero como construções da alegoria da imortalidade, legadas por dois escritores,

entre os mais respeitáveis e instigantes da literatura universal ou da literatura *tout court*: Machado de Assis e Jorge Luiz Borges. Refiro-me a seus contos, ambos intitulados de “O imortal”/“El inmortal”. Já pronunciei conferência sobre o tema e não me furto a referir-me, *en passant*, a essas ficções que trazem excelentes dúvidas para nosso tema. Os dois imortais dos contos mencionados, cansados da repetitiva vida imortal, anseiam pelo fim de sua própria infinitude. Um deles, talvez Homero, mito maior do criador verbal, que poderá ser o imortal de Borges, até esquece a maior parte da *Odisseia* que, no entanto, a ele sobrevive.

Seria a segunda vida, como Manrique refere-se à fama ou a vida que consiste em tornar-se presença na memória dos pósteros, a imortalidade? Ou a travessia por esse mundo, onde somos peregrinos que passam por diversos caminhos e descaminhos: *selva selvaggia*, pedra no meio do caminho, mares nunca dantes navegados, terceira margem do rio, fogo de Canudos... e agora, José?

“Pelas lentes da história, vejamos o dia 15 de agosto de 1895. Em sessão magna nos salões da Fênix Caixeiral, a Academia Cearense comemora seu primeiro aniversário. Perante acadêmicos e convidados, Dr. Thomaz Pompeu, presidente da instituição, apresta-se a ler o discurso que escrevera para a solenidade. Um silêncio respeitoso aguarda suas palavras. Lembremos: o orador da noite é, como diria Farias Brito: “uma glória brasileira, devendo ocupar um lugar de honra na galeria dos pensadores nacionais”.⁶

Ao longo de sua fala, Dr. Pompeu instaura temas que se revelam de grande importância para a vida da Academia, muitos ainda vigentes nos dias de hoje: o conceito da missão da Academia como criadora e difusora de conhecimento e cultura e como espaço de

6 FARIAS BRITO, Raimundo. Dr. Thomaz Pompeu. *Revista da Academia Cearense*, Fortaleza, 1896-1897, p.132-145.

compartilhamento da pesquisa em ciências e em letras; a pertinência da dúvida e do descontentamento como geradores de inovação; o respeito à diferença e à tradição, entre outros. Durante sua gestão, na segunda fase da Academia iniciada em 1922, foi, pela primeira vez, convidada uma mulher, a corajosa Alba Valdez, para ser membro da Academia. Sua vida na Academia, no Instituto do Ceará, no jornalismo, no combate pelos direitos da mulher, na literatura merece um capítulo à parte, que, iniciei em meu discurso no aniversário de 120 anos da Academia e pretendo continuar em atividade dedicada especialmente a essa brava mulher.

Na linha do tempo, o retorno persistente ao tema da missão e relevância de nossa Academia, permite-nos considerá-lo como um de nossos *leit-motives* e instiga-nos a imaginar que o levantamento exaustivo de sua presença em textos acadêmicos tornaria possível a reconstituição de diálogo enriquecedor, entre vozes de diferentes épocas, para história da instituição e para a consciência de sua missão nos dias que vivemos.

Na impossibilidade de reconstituir nesse momento tal diálogo, recorro um de seus elos, as palavras de Artur Eduardo Benevides, que foi nosso Presidente (1993-2004) e Presidente de Honra, poeta imenso e um dos grandes personagens da cultura no Ceará, em discurso pronunciado em 1997: “E para servir à cultura e ao Ceará existimos e existiremos. Cento e três anos já se passaram e cada vez mais se rejuvenesce a Academia, com que sonharam um dia, entre muitos, o Barão de Studart e Tomaz Pompeu” ⁷.

Se este Palácio já deixa entrever sua vocação para as Letras desde o tempo em que o Fidalgo da Casa Real, que governa a Capitania do Ceará de 1812 a 1820, Manuel Inácio Sampaio, já reunia “Os Oiteiros”,

7 Artur Eduardo Benevides. Discurso do Presidente em seu terceiro mandato: 1997 – 1998, *Revista da Academia Cearense de Letras*, Ano XCVI, V.52, 1997, p.184.

que aqui recitam suas poesias, ou, durante o governo de Justiniano de Serpa, quando aqui se realizam sessões da Academia Cearense, consolida-se esse traço, muito mais tarde, em 1989, quando, quase duas décadas depois que o Governo Estadual deixa o centro histórico da cidade e se transfere para o Palácio da Abolição, no Meireles, o Palácio da Luz recebe a Academia Cearense de Letras, que se torna guardiã do rico passado de sua sede, enquanto mantém viva a chama de sua própria memória.

Conforme a Ata lavrada pelo então Secretário da Academia, Acadêmico Vinicius Barros Leal, de que aqui transcrevo pequeno trecho, conhecemos que:

“No dia 21 de novembro de 1989, às 17 horas, realizou-se a solenidade de entrega do antigo Palácio da Luz à Academia Cearense de Letras. Estiveram presentes o Presidente da Academia, o Governador do Estado, Dr. Tasso Jereissati, o Procurador Geral do Estado Dr. Silvio Braz, a Secretária de Cultura, Dra Violeta Arrais, Mons. André Camurça, Professor José Carlos Ribeiro, diversos acadêmicos, membros do Instituto e convidados.

O Presidente Cláudio Martins fez um ligeiro relato dos entendimentos que redundaram na cessão do Palácio à Academia, a título gratuito, exclusivo e intransferível, comprometendo-se a entidade cultural a preservar o prédio com sua mesma feição arquitetônica.

O sr. Governador falou em seguida, congratulando-se com a Academia, mostrando a sua satisfação pessoal e prognosticando um brilhante futuro à quase centenária instituição. Referiu-se a seu bisavô, o escritor José Carlos Ribeiro Júnior, o Bruno Jaci da Padaria Espiritual, e disse sentir-se gratificado ao realizar esse sonho da intelectualidade cearense.”

Somos, pois, agradecidos ao Presidente Cláudio Martins que, juntamente com outros acadêmicos e fazendo jus à divisa de nossa

Academia, acredita que “Aos fortes, nada é difícil”, e empenha-se em mostrar ao Sr. Governador de então, Dr. Tasso Jereissati, hoje Senador da República, a importância de que o Palácio da Luz se torne sede da Academia Cearense de Letras, àquela época, quase centenária, uma vez que a instituição demonstrara, desde sua fundação e em sua longa história, seriedade e responsabilidade, que a tornam apta a assumir o honroso ofício de cuidar desse patrimônio arquitetônico e histórico do Estado do Ceará.

Da mesma forma, somos gratos ao Senador Tasso Jereissati, que teve a sensibilidade de perceber a vocação cultural do Palácio da Luz e a relevância de nossa instituição que a recomendava não só para guardar esse importante patrimônio, mas, além disso, para mantê-lo vivo com suas atividades culturais.

Com justiça, os dois grandes responsáveis por estarmos, aqui e agora, comemorando o trigésimo aniversário de nossa sede no Palácio da Luz – o Acadêmico Presidente Dr. Cláudio Martins e o Governador e hoje Senador Tasso Jereissati –, foram homenageados, no centenário de nascimento do primeiro, em 2010, estando à época o Acadêmico Pedro Henrique Saraiva Leão na presidência da Academia. O Acadêmico, com a criação da medalha que tem seu nome, a Medalha Cláudio Martins, e o Senador, com o recebimento desta Medalha.

Uma comissão composta pelos Acadêmicos e membros da Diretoria da ACL, Beatriz Alcântara e Ernando Uchoa Lima, e por mim presidida, foi criada, especialmente, para decidir sobre a outorga de nosso reconhecimento honorífico ao merecimento de personalidades que se destacam pelo apoio à Cultura e a Casa de Thomaz Pompeu, nesta noite que constará da História da Academia.

Os nomes escolhidos pela comissão e aprovados pelo colegiado da Academia são, como já sabem todos pelo próprio convite para esta

cerimônia: Fabiano dos Santos Piúba, para receber a Medalha Barão de Studart, concebida em respeito ao grande personagem da Cultura e da História no Ceará, pioneiro em iniciativas para a criação da Academia Cearense e do Instituto do Ceará, homenageando, com essa comenda, nosso Secretário de Cultura, que se desdobra em mil para atender às demandas em sua área e estimular, criar, sugerir o que for possível ou impossível para apoiar e manter viva e atuante a rica Cultura do Ceará, conservando sempre a gentileza e simplicidade que o distinguem, tendo recentemente comandado a múltipla e extraordinária Bienal Internacional do Livro do Ceará, que reuniu milhares de pessoas nos seus nove dias de programação. Vem-se manifestando em defesa da Cultura, como na sessão que comemorava o Dia Nacional da Cultura, no Palácio da Abolição, há poucos dias, com postura ética e corajosa, diante dos obstáculos que o país enfrenta nessa tão importante área, talvez a que melhor defina a identidade de um povo; o nome de José Augusto Bezerra para receber a Medalha Cláudio Martins, até hoje outorgada apenas ao Senador Tasso Jereissati, porque a Academia acredita que essa honraria deve ser reservada a quem contribuiu decisivamente não só para a Academia, mas muito particularmente, para sua sede, o Palácio da Luz. Nesse quesito, o Acadêmico agraciado coloca-se ao lado de Cláudio Martins pois, se este, como Presidente, conseguiu proporcionar essa histórica sede a nossa instituição, José Augusto Bezerra, como Presidente, recuperou-a com indiscutível esforço pessoal, ao conseguir patrocínio junto a vários órgãos, adequar os projetos às necessárias exigências de bem patrimonial tombado, superar todas dificuldades, com o espírito resoluto e determinado que o caracteriza, enfim, “combatendo o bom combate”, como reconhecem todos os colegas acadêmicos.

Dando prosseguimento à apresentação dos nomes que hoje homenageamos, cito, com muita alegria, a Senhora Consuelo Saraiva

Leão Dias Branco e a Senhora Lenise Queiroz Rocha que, no papel de patrocinadoras da Cultura e da Educação, merecem nosso respeito e reconhecimento com a concessão dos Diplomas de Sócias Honorárias de nossa Academia. A Senhora Consuelo Dias Branco, que esteve ao lado do marido, o empresário Ivens Dias Branco, em seus projetos e ações de apoio à Cultura, hoje, como presidente do Conselho de Administração da M. Dias Branco, dá continuidade, com estilo próprio, ao mecenato iniciado pelo grande amigo de nossa Academia.

A senhora Lenise Queiroz Rocha, desde cedo conheceu as ações culturais e de mecenato de seu pai, empresário Edson Queiroz, e de sua mãe, Yolanda Vidal Queiroz, Presidente do Grupo Edson Queiroz, de 1982 a 2016. Hoje, Lenise Queiroz Rocha, presidente da Fundação Edson Queiroz que, no âmbito de suas principais áreas de atuação, Educação e Cultura, vem ampliando a cada dia a oferta de excelência aos cearenses.

O colega Acadêmico José Augusto Bezerra falará agora em nome dos homenageados e homenageadas, dando continuidade a seus retratos que, aqui, com algumas palavras, apenas esbocei.

Antes de encerrar minha fala, agradeço a todos que colaboraram para a realização deste evento, aí incluindo todos os funcionários da Academia, em especial, nossa querida Cláudia.

Anuncio que a *Revista da Academia Cearense de Letras*, referente ao ano de 2018, com participação de textos de acadêmicos e de alguns colaboradores de outras instituições, está sendo lançada hoje e temos prazer em oferecer, nesta noite, um exemplar a cada convidado.

Agradeço ao Acadêmico Tales de Sá Cavalcante, por ter generosamente incluído este número da Revista entre títulos a serem impressos na Gráfica da Organização Educacional Farias Brito e, ainda, pelo esforço da equipe da Gráfica para entregar os exemplares ontem, a fim de que fossem apresentados hoje, nesta cerimônia.

Agradeço à Comissão da Revista – Noemi Elisa Aderaldo, Linhares Filho, Sânzio de Azevedo, Giselda Medeiros, e, em especial, à bibliotecária Madalena Figueiredo, pela organização e revisão deste número da Revista, e estendo os agradecimentos à Administradora-Adjunta Cláudia Queiroz, pelo acompanhamento da Revista em suas várias fases na Gráfica.